

# Léxico Familiar

# Natalia Ginzburg

RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

© 1963, 1986, 1999, 2010, 2014 Giulio Einaudi editore s.p.a., Torino

Título: Léxico Familiar  
Título original: *Lessico familiare* (1963)  
Autora: Natalia Ginzburg  
Tradução (do italiano): Miguel Serras Pereira  
Revisão de texto: Relógio D'Água Editores  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre fragmento de *Raja* (1925), de Felice Casorati

© Relógio D'Água Editores, janeiro de 2019

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-901-1

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Europress, Lda.  
Depósito Legal n.º 449846/18

Natalia Ginzburg

# Léxico Familiar

Tradução de  
Miguel Serras Pereira

Ficções

Na minha casa paterna, nos meus tempos de menina, à mesa, se eu ou os meus irmãos entornávamos o copo em cima da toalha, ou deixávamos cair uma faca, a voz do meu pai retumbava: — Tenham maneiras!

Se molhávamos o pão no molho, gritava: — Não lambam os pratos! Não sejam nojentos! Não sejam repugnantes!

Nojentos e repugnantes eram também, para o meu pai, os quadros modernos, que ele não podia suportar.

Dizia: — Vocês não sabem estar à mesa! Não se pode levar-vos a lado nenhum.

E dizia: — Vocês, com esses nojos que fazem, se estivessem numa *table d'hôte* em Inglaterra, eram imediatamente postos fora. — Porque ele tinha a Inglaterra na máxima conta. Via-a como o mais alto exemplo de civilização de todo o mundo.

Tinha por hábito, à mesa, fazer comentários sobre as pessoas que vira durante o dia. Era muito severo nos seus juízos, e tomava todos por estúpidos. Um estúpido era, para ele, “um tonto”. — Pareceu-me um belo tonto — dizia ele, comentando algum conhecimento recente. Além dos “tontos”, havia os “cafres”. “Um cafre” era, para o meu pai, alguém que tinha maneiras grotescas, atabalhoadas e tímidas, que se vestia de modo inadequado, que não sabia andar na montanha, que não sabia línguas estrangeiras.

Qualquer ato ou gesto nosso que considerasse inapropriado, defini-o como “uma cafrealidade”. — Não sejam cafres! Não façam cafrealidades! — gritava-nos a todo o momento. A gama das cafrea-

lidades era grande. Chamava “uma cafrealidade” a usar, nos passeios pela montanha, sapatos de cidade; entabular conversa, no comboio ou na rua, com um companheiro de viagem ou um transeunte; falar da janela com os vizinhos; andar de sapatos calçados na sala e aquecer os pés junto ao radiador; queixar-se, nos passeios pela montanha, de sede, cansaço ou bolhas nos pés; levar, para os passeios, comida cozinhada e gordurosa, e guardanapos para limpar os dedos.

Para os passeios pela montanha só era permitido levar determinada espécie de comida, quer dizer: queijo *fontina*, compota, peras, ovos cozidos, e só era permitido beber o chá que ele próprio preparava, no fogareiro de álcool. Debruçava por cima do fogareiro a grande fronte franzida, com o cabelo ruivo cortado à escovinha, e protegia a chama do vento com as abas do casaco, um casaco de lã cor de ferrugem, coçado e chamuscado nos bolsos, sempre o mesmo durante as temporadas na montanha.

Não eram permitidos, nos passeios, nem conhaque, nem cubos de açúcar, porque eram, como ele dizia, “coisas de cafres”; e não era permitido parar para merendar nos chalés, como os cafres faziam. Era igualmente uma cafrealidade proteger a cabeça do sol com um lenço ou com um chapéu de palha, ou usar capuzes impermeáveis contra a chuva, ou enrolar um cachecol à volta do pescoço — proteções caras à minha mãe e que ela procurava, de manhã, quando partíamos para o passeio, introduzir na mochila, para nós e para si mesma, mas que o meu pai, quando as via, lhe arrancava das mãos e arremessava, furioso.

Durante os passeios, nós, com os nossos sapatos ferrados, grossos, duros e pesados como chumbo, meias de lã e passa-montanhas, óculos de neve na cara, com o sol a cair-nos a pique sobre a cabeça suada, olhávamos com inveja “os cafres” que se deslocavam com os seus sapatos de ténis leves, ou se sentavam às pequenas mesas dos chalés a comer pão.

A minha mãe chamava aos passeios que fazíamos pela montanha “o divertimento que o diabo dá aos filhos”, e tentava sempre ficar em casa, sobretudo quando se tratava de comer fora, porque, depois de comer, gostava de ler o jornal e fazer uma sesta deitada no divã.

Passávamos sempre o verão na montanha. Ficávamos, por três meses, de julho a setembro, numa casa arrendada. Habitualmente,

eram casas longe das povoações, e o meu pai e os meus irmãos iam todos os dias, de mochila ao ombro, fazer compras à aldeia. Não tínhamos a mínima diversão ou distração. Passávamos a tarde em casa, à volta da mesa, nós, os irmãos, e a minha mãe. Quanto ao meu pai, ficava a ler do outro lado da casa, e, de quando em quando, assomava à porta da sala onde nos reuníamos a conversar e a jogar. Assomava desconfiado, com a testa franzida, e queixava-se à minha mãe da nossa criada, Natalina, que lhe desarrumara os livros: — A tua querida Natalina — dizia ele. — Uma demente — dizia, sem se preocupar com o facto de Natalina, na cozinha, poder ouvi-lo. Fosse como fosse, Natalina habituara-se a ouvir o seu “a demente da Natalina”, e a verdade é que essas palavras não a ofendiam.

Por vezes, ao fim do dia, na montanha, o meu pai preparava-se para os próximos passeios ou escaladas. Ajoelhado no chão, engraxava os seus sapatos e os dos meus irmãos com óleo de baleia; pensava que só ele sabia engraxar os sapatos com esse óleo. Depois ouvia-se por toda a casa um grande estrépito metálico: era ele à procura dos grampos, dos cravos, das picaretas. — O que é feito da minha picareta? — rugia. — Lidia! Lidia! O que é feito da minha picareta?

Partia para as escaladas às quatro da manhã, por vezes sozinho, por vezes com guias seus amigos, por vezes com os meus irmãos, e, no dia que se seguia à escalada, a fadiga tornava-o intratável: com o rosto vermelho e inchado devido à reverberação do sol no gelo, os lábios gretados e sanguinolentos, o nariz coberto de uma camada amarela que parecia manteiga, as sobranceiras franzidas e a testa sulcada por rugas de tempestade, o meu pai ficava a ler o jornal sem pronunciar uma palavra, e um nada era suficiente para o fazer explodir numa cólera aterradora. Ao regressar das escaladas com os meus irmãos, o meu pai dizia que eles eram “trambolhos” e “cafres”, e que nenhum dos filhos herdara dele a paixão pela montanha — exceto Gino, o mais velho de entre nós, que era um grande alpinista e que, na companhia de um amigo, trepava a picos difíceis: de Gino e do amigo, o meu pai falava com um misto de orgulho e de inveja, e dizia que o seu fôlego já não era como dantes, uma vez que estava a envelhecer.

O meu irmão Gino era, de resto, o seu predileto, e parecia satisfazê-lo em tudo: interessava-se por história natural, colecionava in-

setos, bem como cristais e outros minerais, e era muito estudioso. Gino inscreveu-se mais tarde em engenharia, e, quando voltava para casa depois de um exame e dizia que obtivera um vinte, o meu pai perguntava: — Porque é que só tiveste vinte? Porque é que não tiveste vinte com distinção?

E se o meu irmão tivesse um vinte com distinção, o meu pai dizia: — Sim, mas era um exame fácil.

Na montanha, quando não andava a fazer escaladas, ou passeios que se prolongavam até ao anoitecer, o meu pai, de qualquer modo, saía, todos os dias, para “caminhar”: partia, de manhã cedo, vestido como quando partia para as escaladas, mas sem corda, grampos e picareta; fazia-o muitas vezes sozinho, porque nós e a minha mãe éramos, nas suas palavras, “lambões”, “trambolhos” e “cafres”; ia com as mãos atrás das costas, com o passo pesado dos sapatos ferrados, o cachimbo entre os dentes. Algumas vezes, obrigava a minha mãe a acompanhá-lo: — Lidia! Lidia! — rugia ele de manhã. — Vamos fazer uma caminhada! Ainda acabas por amolecer aí parada no meio da erva! — A minha mãe, dócil, acompanhava-o então, ligeiramente recuada, com a sua bengala, a camisola atada à cintura e o cabelo grisalho e encaracolado, que usava muito curto, apesar do ódio do meu pai a esse corte. Tão grande que, no dia em que a minha mãe assim o cortara, o tomara uma fúria de deitar a casa abaixo. — Tornaste a cortar o cabelo! Não passas de uma asna! — dizia-lhe ele, sempre que a via chegar do cabeleireiro. Na linguagem do meu pai, “asno” não se referia a uma pessoa ignorante, mas a alguém que se mostrasse grosseiro ou inconveniente: nós, os filhos, éramos “asnos” quando falávamos pouco ou respondíamos mal.

— Deixaste-te levar pela Frances! — dizia o meu pai à minha mãe, vendo que ela tornara a cortar o cabelo; na realidade, o meu pai estimava e gostava muito dessa tal Frances, amiga da minha mãe, tanto mais que, entre outras razões, ela era casada com um seu amigo de infância e companheiro de estudos, sendo o único senão desta amiga, aos olhos do meu pai, o ter iniciado a minha mãe na moda do cabelo curto: Frances ia muitas vezes a Paris, onde tinha família, e um inverno voltara de Paris dizendo: — Em Paris usa-se o cabelo curto. Em Paris a moda é desportiva. — Em Paris a moda é desportiva — tinham repetido a minha irmã e a minha mãe durante todo

esse inverno, imitando um tanto a pronúncia de Frances, que carregava nos *rr*; tinham encurtado os vestidos, e a minha mãe cortara o cabelo, embora a minha irmã não o tivesse feito, porque o tinha muito comprido, descendo-lhe até à altura dos rins, louro e belíssimo, e porque tinha demasiado medo do meu pai.